

Do texto negociado às manhas da entrevista compreensiva: Análise das dimensões epistemológica, técnica e ética de uma com-posição intersubjetiva

Thiago Lira dos Santos

Este artigo visa realizar desdobramentos acerca das dimensões epistemológica, técnica e ética da entrevista compreensiva. Discutiremos na primeira seção o caráter intersubjetivo que permeia as entrevistas compreensivas e o modo pelo qual se estabelece a co-produção de identidades, própria das pesquisas qualitativas. Na segunda seção, passaremos a apresentar a entrevista compreensiva como culminar técnico e epistemológico dos processos de Composição, Criativização e Improvisação. Assim, entenderemos, na terceira seção, como tais processos subsidiam um conjunto de manhas da entrevista compreensiva. Nos propomos, ainda, a entender como se dá, a partir do contato intersubjetivo na relação entrevistador/entrevistado, uma outrificação capaz de transformar o texto em um espaço de negociação de significados.

Palavras-chave: entrevista compreensiva, intersubjetividade, composição, criativização, improvisação

From the Negotiated Text to the Cunning of the Comprehensive Interview: Analysis of the Epistemological, Technical and Ethical Dimensions of an Intersubjective Composition aims to do developments about the epistemological, technical and ethical dimensions of the comprehensive interview. In the first section, we will discuss the intersubjective character that permeates comprehensive interviews and the way in which the co-production of identities, characteristic of qualitative research, is established. In the second section, we will begin to present the comprehensive interview as a technical and epistemological culmination of the composition, creativization and improvisation processes. Thus, we will understand, in the third section, how such processes subsidize a set of cunning of the comprehensive interview. We also propose to understand how, from the intersubjective contact in the interviewer/interviewee relationship, there is an othering capable of transforming the text into a space for negotiating meanings.

Keywords: comprehensive interview, intersubjectivity, composition, creativization, improvisation

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e fraduoado em ciências sociais pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

E-mail: tlira1001@gmail.com

Introdução

A entrevista é uma interação entre dois ou mais participantes com um caráter bem distinto de uma simples conversação. Isso porque é uma técnica de coleta de dados e, portanto, dirigida a um objetivo específico relativo à pesquisa a se realizar. Além disso, essa forma de interação social valoriza o uso da palavra, símbolo e signo privilegiado das relações humanas, meio pelo qual os atores sociais conferem sentido às suas distintas realidades. O que a torna distinta das conversações cotidianas, além de seu arcabouço técnico dirigido a um objetivo de pesquisa, é sobretudo o fato de ser uma situação social de exceção (FERREIRA, 2010): uma conversa presume uma relação de simetria na troca verbal, até mesmo quando os atores ocupam posições distintas, além do fato de poder ocorrer a qualquer momento, não havendo uma delimitação de tempo e espaço; a entrevista, por sua vez, é uma situação de excecionalidade porque é um encontro privado, tecnicamente guiado a um determinado fim de pesquisa, sujeito a regras de confidencialidade, além de ter um marcador de tempo e espaço que a distingue das situações cotidianas a partir de um encontro formalizado. Esse caráter de excecionalidade da interação gera assimetrias nas relações de poder entre entrevistador e entrevistado, no que tange à atribuição dos significados acerca do conteúdo narrativo. Nos deteremos mais sobre essa questão nas seções seguintes.

A entrevista, como instrumento de coleta de dados que privilegia a fala de atores sociais e permite atingir um nível de compreensão da realidade humana a partir dos discursos narrativos, é um modelo técnico cada vez mais presente nas pesquisas qualitativas. No entanto, até as pesquisas, entre elas as pesquisas em ciências sociais, chegarem a essa abordagem ideográfica — marco de abordagem em profundidade da compreensão de significados subjetivos — foi preciso um trajeto histórico epistemológico.

Segundo Fraser e Gondim (2004), a abordagem ideográfica surgiu em contraponto à monotética, que defende a quantificação e o controle das variáveis para o alcance objetivo do mundo. A abordagem monotética parte do princípio objetivista de que o arcabouço empírico deve estar relacionado à crença de que os fenômenos psicológicos e sociais devem ser estudados da forma similar aos fenômenos físicos. Tal positivismo empírico das abordagens monotéticas trazem como recursos de pesquisa a padronização do objeto de coleta, o controle das variáveis e um grau de distanciamento, assim como uma suposta neutralidade axiológica por parte do entrevistador. A entrevista, nesse caso, obedecerá a um roteiro estruturado e o entrevistador deverá receber treinamento

técnico para neutralizar as diferenças individuais e a análise dos resultados deverá ser centrada exclusivamente nas respostas dos entrevistados, o que ignora o fato de que tais respostas são produto de uma interação contextual estabelecida entre entrevistador e entrevistado. Outro elemento da abordagem monotética é a escolha aleatória da amostra e mensuração quantitativa na análise da entrevista, próprias do modelo positivista; como exemplo de instrumento de coleta temos o questionário, e demais entrevistas com modelos estandardizados e diretivos.

Como exemplo histórico desse tipo de abordagem, Ferreira (2010, p. 980) nos mostra que durante décadas nas ciências sociais, por via da tradição estrutural funcionalista, as técnicas de entrevistas foram aplicadas a fim de verificar a potencialidade e variabilidade de um mesmo indicador utilizado em um inquérito por questionário. O recolhimento de dados objetivos servia, então, para demonstrações numéricas usadas para estudos exploratórios, de modo que a entrevista era tradicionalmente reservada a funções verificativas, ilustrativas, subjugada a uma lógica dedutiva causal.

Ferreira nos mostra que com o ressurgimento das abordagens compreensivas na década de 1960, várias formas de registro, recolha de dados e tratamento de material empírico qualitativo vieram a ocupar lugar de destaque em pesquisas qualitativas. É justamente nessa passagem temporal que a abordagem ideográfica ganha espaço. Afinados a essa abordagem se encontram a teoria crítica social, o construtivismo e o participacionismo. A partir dessa nova abordagem começou a se questionar o fato de que a realidade social não é passível de ser apreendida de modo objetivo e invariável.

A abordagem ideográfica, como nos mostra Fraser e Gondim (2004, p. 142), defende que as ciências sociais têm como objetivo central a compreensão da realidade. Sendo assim, quantificar não é o essencial, mas sim capturar significados. Dessa forma, entendemos que a tentativa de explicar os nexos causais torna-se coadjuvante para um entendimento mais profundo sobre a realidade pesquisada. Em vez de procurar tais nexos, deve-se proceder à tentativa de compreensão da realidade particular em sua complexidade, a partir da influência mútua dos atores na construção de suas realidades, de suas estruturas de mundo e atribuição de significados.

Ao passo que o positivismo é criticado por sua limitação de construção da realidade ao que pode ser observado, mensurado e quantificado, a abordagem compreensiva é criticada por seu nível de subjetivismo, principalmente por parte do pesquisador no processo de investigação e interpretação. Essa constatação, pode ser melhor desdobrada a partir de um olhar sobre o procedimento técnico das entrevistas compreensivas, que tenderá a um construto

de *negociações* e *manhas* que visam à superação desse enviesamento sobre a compreensão da subjetividade alheia por parte da subjetividade do pesquisador.

É nessa abordagem ideográfica e compreensiva que se insere a entrevista compreensiva como técnica de coleta de dados em pesquisa qualitativa. Essa técnica articula formas tradicionais de entrevista semidiretiva com técnicas de entrevista de natureza mais etnográfica. Esta procura a obtenção de um discurso mais narrativo e menos informativo, que seja resultado do processo intersubjetivo entre entrevistador e entrevistado. Portanto, para adentrar em uma análise mais profunda sobre esse modelo de entrevista é necessário inicialmente entender como se estabelece a intersubjetividade presente nessa relação.

Entre intersubjetividade e co-produção de identidades

A condição de entrevista (compreensiva), apesar de se tratar de um evento discursivo em situação de excecionalidade, nunca corresponderá puramente às condições de uma experiência científica. Isso porque sua manipulação é limitada, não sendo possível estabelecer-lhe protocolos perfeitamente standardizados. Os constrangimentos presentes em uma entrevista variam contextualmente, não sendo possível defini-los ou prevê-los de modo antecipado. Isso, faz com que dois sujeitos, entrevistado e entrevistador, ao serem colocados frente a frente, cada qual com sua subjetividade, produzam informações distintas quando comparadas a outras interações de mesma natureza. Portanto, na entrevista compreensiva é impossível uma comparabilidade perfeita dos dados obtidos, dado que o dispositivo de interrogação nunca será rigorosamente o mesmo. Mesmo ao tentar normatizar a coleta de dados haverá efeitos perturbadores na situação social em que se dá a entrevista. Assim, podemos observar a impossibilidade de neutralidade axiológica, reconhecendo que o processo de validação dos procedimentos adotados está relacionado à contextualização das situações sociais nos quais são produzidos. Concordamos, desse modo, com Fraser e Gondim (2007, p. 142), ao entender que as respostas dos entrevistados são, em grande parte, produto de uma interação intersubjetiva que se estabelece entre entrevistador e entrevistado.

Para se proceder a mecanismos que busquem eliminar os “fatores perturbadores” de uma entrevista, a fim de se obter dados “não distorcidos”, é necessário, antes, entender os efeitos desses fatores. Segundo Ferreira (2010, p. 984), são três esses fatores: *efeitos de expectativa*, relativos aos motivos que levam interlocutores a

concederem seu tempo e opiniões; *efeitos de inquirição*, relativos à forma de construção do guião de entrevista e às formas nas quais as questões são colocadas e conduzidas; e *efeitos de interação*, relacionados à exteriorização de sinais sociais por parte do entrevistador e do entrevistado.

Embora a técnica de entrevista compreensiva possa parecer *a priori* um recolhimento de informações, os dados obtidos são *narrativos*, pois informam e são informados por pontos de vista; pois, enquanto um questionário suscita respostas, uma entrevista constrói um discurso. Segundo Garcia (2000 *apud* FERREIRA 2010, p. 984), “[a] narração não é informação factual, é uma rememoração reflexiva que implica a interpretação subjetiva sobre episódios narrados”. A narração em uma situação contextual de entrevista não é construída de forma isolada pelo narrador, visto que ele não se encontra só. A participação do entrevistador não se encontra limitada ao recolhimento de discursos sobre experiências, vivências e opiniões; assim como as respostas do narrador não representam de forma pura a descrição desse discurso. Isso porque as narrativas presentes em situação social de entrevista são produto de uma construção intersubjetiva, dado que as descrições e posições tomadas pelo narrador estão colocadas em uma situação de interação no modelo binário pergunta-resposta, não sendo, pois, uma narração automática. Também, a intervenção do entrevistador não é neutra, dado que ele, além de ter um objetivo de pesquisa, se encontra permeado por uma subjetividade própria e formadora de significados acerca do que está sendo narrado e que podem orientar a conduta de entrevista. Em outras palavras, podemos afirmar que a narrativa é sempre o ponto de vista de alguém acerca de algo, e nunca um dado factual.

A narrativa em uma entrevista nunca daria conta de como as pessoas estruturam internamente seus mundos e significados acerca dele de modo puro, mas sim de como elas estruturam esses mundos e criam esses significados na presença *ativa* de um interlocutor (HOLSTEIN e GUBRIUM, 1995 *apud* FERREIRA, 2010, p. 984). O entrevistador não faz apenas escutar, mas interage ativamente a partir da condução da pergunta. Cada pergunta identifica uma tomada de posição por parte dele, que, no entanto, deve estar conectado com a ordem de relevâncias e interesses da pesquisa. Já o narrador não dá apenas informações de si, mas passa por um trabalho de autofabricação identitária ao ensaiar, na frente do entrevistador, uma ordem de posições e coerência biográfica, por vezes tentando dar conta de sua própria incoerência e contradição, percebida por ele mesmo ao decorrer da entrevista. O discurso narrativo, desse modo, é coproduzido em uma improvisação contextual.

Assim, como é coproduzido o discurso, também é coproduzido o estabelecimento de identidades, tanto do entrevistado — que é

obrigado a rever, como já apontamos, suas próprias posições em uma tentativa que visa estabelecer coerência biográfica diante dos *efeitos de expectativa* — como do entrevistador.

Michelle Fine (1994) se propôs a examinar projetos de pesquisa qualitativa buscando entender como as identidades dos participantes são modificadas no curso dos projetos. Os autores dos diversos projetos exploram as relações de identidade na pesquisa qualitativa, especificamente questionando como suas identidades mudaram ao longo dos processos de pesquisa em relação às identidades dos participantes. De modo que, ao aplicar essa constatação à análise da entrevista compreensiva, podemos entender que a intersubjetividade responsável pela emergência dos pontos de vista a serem narrados pelo entrevistado e compreendidos em termos de significado pelo entrevistador também fomenta expressivas transformações na forma de cada um entende suas experiências com o mundo, no que tange a uma co-produção de suas identidades. Coisas que antes não eram compreendidas, como espaços de fala e posição em relação a temas específicos, como o feminismo, por exemplo, podem, a partir de então, ser reestruturados e resignificados. Acreditamos assim que, ao entrar em contato com os significados e as visões de mundo alheias, somos levados a revisitar os nossos. Isso faz com que na condução da entrevista tenhamos, como pesquisadores, que revisitar não apenas o guião, mas o uso de categorias e o estabelecimento de significados acerca delas.

A situação social excessional de intersubjetividade marca, assim, tanto o impacto da presença da subjetividade do entrevistador sobre o entrevistado como o oposto. Fine (*Ibid.*) aponta do lado do pesquisador uma constante necessidade de revisitar as categorias e o estabelecimento de significados, que, no caso de sua pesquisa, giravam em torno das identidades:

Em sua deposição, ela desmantelou as categorias que tão preocupadamente tínhamos interpretado como pilares sedimentados em torno dela, e vagamos entre eles, girando sua identidade, suas auto-representações e, portanto, seu público (*Idem, ibid.*, p. 71).

Após uma série de desdobramentos acerca da intersubjetividade presente nas entrevistas compreensivas e do modo pelo qual ela modula essa situação social, faz-se necessário entender importantes processos que constituem esse modelo de entrevista de natureza mais etnográfica.

Composição, criativização e improvisação

Apontamos até aqui que as entrevistas ideográficas são técnicas qualitativas de coleta de dados narrativos que promovem uma análise da esfera subjetiva dos indivíduos de pesquisa no que tange ao entendimento dos significados que atribuem a seus mundos. Portanto, é uma técnica de coleta de dados que busca construir significado a partir da visão de mundo presente no discurso narrativo do entrevistado. Entendemos também que tal situação social se dá de modo excepcional e que é posta em uma relação intersubjetiva, coprodutora de significados e identidades. No entanto, as pesquisas qualitativas se utilizam de distintos modelos de entrevista com abordagem ideográfica, que variam quanto a sua diretividade e estandardização, podendo ser abertas ou semiestruturadas, assim como possivelmente variam nos mecanismos de controle da condução de entrevista, entre outros elementos próprios de seus distintos *estados de arte*.

Faz-se necessário, então, identificar os processos epistemológicos e os elementos técnicos que possam caracterizar a especificidade distintiva das entrevistas compreensivas. Como nos mostra Ferreira (2010, p. 981), “a entrevista compreensiva é uma técnica de recolha de dados que articula formas tradicionais de entrevista semidiretiva com técnicas de entrevista de natureza mais etnográfica”. Isso com intenção de evitar o dirigismo encontrado em entrevistas abertas e também o *laissez-faire* da entrevista não diretiva. A entrevista compreensiva, assim, tende a ter maior sistematização e formalização que as técnicas etnográficas. Contudo, quando comparada as formas tradicionais de entrevista semidiretiva, tende a estabelecer uma postura mais criativa e de improvisação na condução da entrevista, e esses podem ser percebidos como elementos distintivos que a caracteriza. Podemos, assim, concordar com Ferreira (2010), ao afirmar que há três procedimentos epistemológicos presentes nas entrevistas compreensivas: *composição, criativização e improvisação*.

Quanto à criativização, entendemos ser o processo em que se emerge uma ação criativa na relação entre o teórico e o empírico. Uma lógica de criatividade científica em que, em vez de demonstração e ilustração de teorias construídas, prévias à inserção do pesquisador em campo, procura-se produzir novas proposições teóricas a partir do próprio campo de pesquisa, articulando-o de forma contínua com a recolha de dados e conseqüente (re)formulação de hipóteses. Assim, a formulação de hipóteses seria mais criativa quando baseada nos próprios dados coletados em campo. Na visão de Ferreira (2010), a entrevista compreensiva tem uma abordagem criativa *bottom up*, portanto, o campo empírico

produz dados para a emergência de um terreno empírico que se dá de baixo para cima. Dito com outras palavras, a teoria que guia a visão do pesquisador deve se encontrar diante do mesmo aberta, tanto para uma revisão conceitual, quanto para a formalização de uma *grounded theory*¹. A entrevista, então, já não é, como vimos quando tratávamos sobre a intersubjetividade, uma técnica neutra, impessoal e estandardizada para coleta de informações, mas uma narrativa intersubjetiva e, portanto, resultante de uma *composição* social e discursiva em duas vozes.

Assim, o processo de com-posição, ou seja, de justaposição de duas subjetividades — do entrevistador e do entrevistado —, está posto como um diálogo recíproco que, apesar das assimetrias já abordadas dessa situação social (como posição assumida de comando pelo entrevistador), coloca o discurso como produto das posições contextualmente ocupadas, levando os interlocutores a ocupar posições que suscitem que haja um campo de possibilidades de *improvisação*.

A improvisação como procedimento na entrevista se coloca em prol de uma possível necessidade de (re)formulação e melhor adequação da inquirição. Isso nos mostra, sobre esse procedimento, os efeitos de expectativa e de inquirição que abordamos acerca dos elementos constitutivos da intersubjetividade presente na entrevista compreensiva. A improvisação se relaciona diretamente com habilidades específicas por parte do entrevistador, como: conhecimento sobre a temática a ser abordada, planejamento sobre os tópicos de interesse para ambos interlocutores e experiência em gerir encontros sociais desse tipo. Mas acima de tudo a capacidade de manter uma atitude dialógica e recíproca diante do ponto de vista do entrevistado, de modo a fazer com que o exercício de com-posição seja satisfatório para ambos. Dessa forma, considerando o procedimento de improvisação, a *boa pergunta* não resulta naquela que tenha sido previamente pensada pelo entrevistador, mas na que faz sentido para o entrevistado e o convoca a pensar de modo a tomar uma posição, narrando um ponto de vista com densidade. Nas palavras de Ferreira (2010, p. 982), a boa pergunta “é a que resulta do sucesso de um exercício criativo de composição improvisada.

Os procedimentos que foram abordados como *artes da entrevista compreensiva* — composição, criativização e improvisação — precisam, contudo, de mecanismos técnicos que os permitam ser executados. Na situação social de intersubjetividade da entrevista compreensiva, uma série de *manhas* visam garantir tecnicamente a execução de tais procedimentos.

1. *Grounded theory*: a “teoria fundamentada” ou “teoria fundamentada em dados” surge em 1967, tendo como principal base o interacionismo simbólico. Desenvolvida por Barney Glaser e Anselm Strauss em seu livro *The Discovery of Grounded Theory* (1967), traz como ideia central que as proposições teóricas emergem dos dados da pesquisa, mais do que de qualquer estudo anteriormente realizado. É o procedimento de coleta de dados que gera o entendimento sobre um fenômeno em tela (COLLADO, LUCIO e SAMPIERI, 2013).

Do texto negociado às manhas da entrevista compreensiva

Fraser e Gondim (2004, p. 146) corroboram o entendimento de Ferreira (2010) sobre a entrevista como exercício criativo de composição ao afirmarem que a compreensão do mundo do pesquisado só será acessível mediante uma relação de maior proximidade entre ele e o pesquisador. Assim, ao aplicar esses papéis à lógica da entrevista compreensiva, pode-se inferir que o espaço de composição de narrativas e coleta dos dados da pesquisa daria origem a uma produção textual negociada entre as partes. Tal negociação deve privilegiar, ainda mais sabido, a intersubjetividade acionada nessa situação social específica, a fala do outro — entende-se esse outro como o pesquisado, que na entrevista compreensiva é o entrevistado —, para que se possa realizar uma imersão ao conjunto de valores e significados que permeiam sua visão de mundo. O texto negociado nas pesquisas qualitativas, dados os desdobramentos já realizados em nossa explanação, tem seu culminar ético a partir do uso da entrevista compreensiva como técnica de coleta de dados. Isso nos parece perceptível, dado que no jogo da entrevista as narrativas e visões de mundo compartilhadas na interação geram, após análise, uma produção de conhecimento que é resultado dessa interação e cooperação entre os interlocutores.

Um ponto que se faz importante destacar é que dado o fato de a entrevista ser uma situação social intersubjetiva, as subjetividades acionadas variam conforme os interlocutores. Tal constatação nos mostra, como nos dizem Fraser e Gondim (2004, p.147), que:

Diferentes entrevistadores e entrevistados podem chegar a conclusões distintas sobre um mesmo tema investigado, o que torna defensável que o pesquisador, ao relatar seus resultados, deixe bastante explícitas suas concepções e visões sobre o assunto, assim como ofereça informações detalhadas sobre os participantes da pesquisa.

Desse modo os não participantes da pesquisa poderão refletir criticamente sobre os resultados embasados, portanto, na compreensão dos contextos nos quais foram extraídas as conclusões.

Percorre-se, na elaboração das pesquisas qualitativas, um caminho epistemológico da fala do outro ao texto negociado. Mas como realizar tal produção de conhecimento, fruto da negociação de interlocutores, usando como técnica de recolha de dados a entrevista compreensiva? Para auxiliar essa questão, assim como para poder recorrer tecnicamente ao modo de aplicação dos procedimentos de composição, improvisação e criativização — próprios desse tipo de entrevista —, nos apoiaremos em Ferreira

(2010) para entender um conjunto de *manhas* específicas. Entendemos o procedimento de composição como sendo dado pelo próprio estabelecimento contextual da intersubjetividade, como já apontamos; no caso da criativização e principalmente da improvisação as *manhas* funcionam como técnicas de apoio.

Como vimos, os procedimentos acima são artes da entrevista compreensiva, marcações distintivas que a identificam no campo epistêmico e são, portanto, elementos constitutivos da mesma. Entretanto, a compreensão sobre esses procedimentos por si só não garante que o entrevistador possa realizá-los puramente baseado em sua sensibilidade na gerência das perguntas. Para além disso, é necessário recorrer a um conjunto de *manhas* que visam desenvolver uma *escuta ativa* a fim de esclarecer, aprofundar ou relançar uma discussão no momento adequado. Desenvolver uma atitude de escuta ativa é manter uma atitude paciente e disponível, e ao mesmo tempo atenta e curiosa diante da narrativa, o que permite ao entrevistador seguir o discurso do seu interlocutor de modo a sempre que necessário improvisar novas questões por julgar mais pertinentes em relação as que estavam antes previstas. As *manhas* a serem apresentadas são técnicas mais sofisticadas de *escuta ativa*. Segundo Ferreira (2010, p. 989), são:

Técnica de espelho: repetição da palavra ou frase que acabou de ser dita pelo entrevistado. Tem por objetivo mostrar que o entrevistador compreendeu a mensagem passada pelo entrevistado, além de incentivá-lo a dar continuidade a narrativa.

Técnica de resumo: realização de sínteses parciais de forma intercalada, sempre que se deseja fechar um tema. Pode ser, também, a reformulação de parte do discurso narrativo do entrevistado por parte do entrevistador; tem o mesmo efeito da técnica de espelho, ou seja, de incentivar a continuidade do discurso a partir da demonstração de entendimento acerca do que está sendo dito.

Técnica de complementação: usada para clarificar e aprofundar questões centrais da narrativa, como: palavras, frases, argumentos, histórias, explicações etc. Assim, ajuda o entrevistador a entender partes do discurso narrativo que não tenham ficado claras. É o modo pelo qual se procura pedir para que o entrevistado fale mais ou dê exemplos a respeito de determinado aspecto que se pretenda aprofundar.

Técnica de confrontação: utilização de pontos de vista contraditórios ao narrado pelo entrevistado. Podem ser postos a partir da apresentação de contraexemplos ou informações adicionais. O objetivo é inserir na cognição já estruturada do entrevistado novas informações, fazendo, assim, com que ele seja levado a repensar seu ponto de vista, reestruturando seu campo cognitivo acerca de determinadas questões, colaborando para a

obtenção de um discurso mais rico e menos normativo. No nosso ponto de vista, apesar de ser legítimo o uso dessa técnica, deve se ter bastante parcimônia quanto ao seu uso, assim como o cuidado necessário para se evitar *violência simbólica e epistêmica*, a fim de não aumentar a assimetria já existente na situação social de entrevista.

Técnicas de incompreensão involuntária: passar ao entrevistado, propositalmente, a impressão de não compreensão do que está sendo dito. Isso provoca um efeito pedagógico do entrevistado sobre o entrevistador. O entrevistado, durante a explicação e elucidação dos pontos não compreendidos do entrevistador, tenderá a detalhar e explanar com mais profundidade sua experiência com o fenômeno em análise. Seria, de outra forma, o entrevistador, criar expressões que tenham como sentido o “o quê?” das coisas.

Técnica de relançamento: reintrodução de questões anteriormente ditas pelo entrevistado. No entanto, deve se ter o cuidado de só usar essa técnica após a conclusão da fala do entrevistado, a fim de não prejudicar a estrutura de seu argumento.

Técnicas silenciosas: da mesma forma que o entrevistador não deve interromper a fala, ele deve saber gerir os silêncios de seu entrevistado. Por vezes, o entrevistado irá se deparar com questões nunca antes pensadas, que exigem dele maior tempo para pensar. Também será confrontado a situações emocionalmente complicadas e difíceis. Caberá ao entrevistador ser eticamente responsável e sensível nesses momentos, não ocupando os espaços de silêncio, fazendo com que o entrevistado se sinta livre para reflexão e expressão da dor. Já o silêncio por parte do entrevistador sugere que se espera mais do informante, incentivando-o a falar.

Apesar do uso de todas as *artes e manhas* da entrevista do tipo compreensiva, utilizadas para diminuir a distância entre os interlocutores, não se pode neutralizar ou suspender por total a dissimetria subjacente a qualquer situação de entrevista.

Considerações finais

Podemos, enfim, perceber que a partir das abordagens ideográficas se inaugura uma nova sensibilidade social na atividade de pesquisa. Tal sensibilidade é manifesta como elemento de atenção ao outro, para além da tentativa de mensuração do mundo alheio. Esse modelo pretende não mais entender realidades factuais, mas procura compreendê-las diante de pontos de vista. A narrativa que se busca compreender é sempre a versão de alguém sobre uma realidade específica, que pode ser de ordem biográfica

ou episódica. Assim, tal abordagem, acima de tudo, é um exercício no qual os pesquisadores se permitem observar para fora de sua redoma de sentidos, já estruturados categoricamente, se utilizando da lente alheia. O fato é que a própria intersubjetividade, presente nas abordagens qualitativas, se encarrega de fazer com que a cor das lentes acabem se misturando.

Entendemos, assim, que a permissão de acesso a subjetividade alheia acaba por modificar a nossa própria subjetividade, atuando diretamente em nossa identidade. As entrevistas qualitativas, dado o estabelecimento intersubjetivo entre os interlocutores, são situações sociais de co-produção de identidades, de co-produção de mundos. O que há no outro acabará sempre dialogando com o que há em nós.

É justamente nesse panorama ideográfico que surge a entrevista compreensiva, como tentativa de inaugurar formas mais criativas de se acessar as opiniões, crenças, valores e significados que estruturam o mundo do narrador. Esse tipo de entrevista, então, como técnica qualitativa de recolha de dados, inova ao articular formais tradicionais de entrevista semidireta com técnicas de entrevista de natureza mais etnográfica. É a partir dessa fórmula que se elabora um conjunto de procedimentos — as artes e manhas da entrevista compreensiva — que têm como princípio aprofundar o nível de compreensão sobre a subjetividade alheia de modo criativo e tecnicamente aberto a improvisações. O principal esforço, no entanto, é transformar uma situação social de exceção, permeada por uma assimetria que a transforma em uma relação desigual, em algo mais próximo, mais íntimo, que passe ao entrevistado a segurança necessária para uma imersão de um estranho ao seu mundo.

Uma pergunta surge como resultado dessas colocações: qual a voz que pode ser ouvida nas análises de dados provenientes desse modelo de entrevista? A do entrevistador, que estrutura, embora que de maneira altamente flexível, suas categorias de análise, ou a do entrevistado, que, embora se encontre ensaiando e mobilizando suas próprias categorias, o faz diante de expectativas e inquirições de um desconhecido? Podemos, finalmente, concluir que nenhuma dessas vozes podem ser ouvidas de forma isolada. O que se ouve como produto da análise de dados de entrevistas compreensivas é uma composição falada em duas vozes. Isso independente de qual soa mais alto, dada a dissimetria entre elas.

Referências

COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista; SAMPIERI, Roberto Hernández. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

FERREIRA, Vitor Sérgio. **Artes e manhas da entrevista compreensiva**. Saúde Soc. São Paulo, v.23, n.3, p.979-992, 2014.

FINE, Michelle. “Working the hyphens: Reinventing Self and other in qualitative research”. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The Landscape of Qualitative Research: Theories and Issues**. Thousand Oaks, CA: Sage Publications, 1998, pp. 130-155.

FRASER, Márcia Tourinho Dantas; GONDIM, Sônia Maria Guedes. “Da fala do outro ao texto negociado: discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa”. **Revista Paidéia**, vol. 14, n. 28, pp. 138-152, 2004.

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. **The Discovery of Grounded Theory: Strategies for Qualitative Research**. Chicago: Aldine, 1967.

Recebido em: 06/10/2018

Aprovado em: 25/04/2018